

AS PREDIÇÕES DO PROFETA JOÃO NO APOCALIPSE

Na introdução de suas mensagens o profeta João faz declarações importantes sobre a maneira de receber as revelações de Jesus e relatá-las. Ele declara: *“No dia do Senhor achei-me no Espírito e ouvi por traz de mim uma voz forte, como de trombeta, que dizia: ‘Escreva num livro o que você vê e envie a estas sete igrejas. [...] Voltei-me para ver quem falava comigo. Voltando-me, vi sete candelabros de ouro e entre os candelabros alguém semelhante a um filho de homem”* (Ap 1:10-13, NVI).

O profeta declara que, *“no Espírito via”* o que estava sendo revelado por meio de Jesus glorificado, ministrando como sacerdote no santuário celestial e Ele recebendo orientações para escrever o que estava vendo. *“Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: ‘não tenha medo. [...] Escreva, pois, as coisas que você viu”* (Ap 1:17, 19, NVI).

O profeta via em visões acontecimentos projetados como um filme e recebia de Jesus instruções sobre o que estava vendo para escrevê-lo.

Nos capítulos 2 e 3, o Senhor Jesus dirige mensagens para sete igrejas, que usa como símbolos, descrevendo ao longo da história da humanidade acontecimentos e as condições espirituais do povo de Deus divididos em sete períodos, desde a Sua morte sacrifício, quando já havia estabelecido Sua igreja tendo como fundamento Ele mesmo: *“porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo”* (1Co 3:11, NAA). Como poderoso embrião, Jesus preparou os apóstolos (Mt 28:16-20, Jo 17:18 e outros textos). O período da sétima igreja, Laodicéia, termina com a volta de Jesus.

No capítulo 6, com a visão dos sete selos, prediz por meio de seis selos acontecimentos temporais relacionados com espirituais, em nosso mundo, para o mesmo período de tempo correspondente às sete igrejas, isto é, desde os tempos apostólicos até a segunda vinda de Jesus.

No entanto, há um detalhe muito importante nas predições dos sete selos. O primeiro selo traz a visão do tempo da igreja apostólica e assim, sucessivamente, a abertura dos selos avança com os acontecimentos preditos, ao longo da história, até o tempo do sexto selo, que anuncia impressionantes acontecimentos nos elementos da natureza: um grande terremoto, o escurecimento do Sol e da Lua e a queda das estrelas.

Esses grandes sinais da natureza tiveram o seu cumprimento com o terremoto de Lisboa, em 1º de novembro de 1755; o dia escuro em 19 de maio de 1780 e o impressionante espetáculo da chuva de meteoros em 13 de novembro de 1833.

Na sequência do sexto selo, o profeta João, em suas visões vê acontecimentos relacionados com a volta de Jesus, com o glorioso espetáculo de deslumbrante brilho iluminando o planeta: *“o céu foi se recolhendo como se enrola um pergaminho, e todas as montanhas e ilhas foram removidas de seus lugares. Então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos – todos, escravos e livres, esconderam-se em cavernas e entre as rochas das montanhas. Eles gritavam às montanhas e às rochas: caiam sobre nós e escondam-nos da face daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro! Pois chegou o grande dia da ira deles; e quem poderá suportar?”* (Ap 6:14-17, NVI).

Essa visão é uma antecipação de acontecimentos que ocorrerão ao toque da sétima trombeta, anunciando a vitória final e completa de Cristo sobre o “suposto” reino de Satanás: *“o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre”* (Ap 11:15, NVI).

E então, a visão dos sete selos é interrompida, e o profeta responde a pergunta: *“pois chegou o grande dia da ira deles; e quem poderá suportar?”* (Ap 6:17, NVI).

Com a volta de Jesus, toda a humanidade impenitente sente que está condenada à destruição. Para responder à pergunta: quem poderá subsistir ante a glória desse grandioso acontecimento, o profeta recebe a visão do selamento dos servos de Deus.

Na visão do capítulo cinco, o profeta vê Jesus identificado por três símbolos: *“Eis que o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu. [...] Depois vi um Cordeiro, que parecia ter estado morto, em pé, no centro do trono”* (Ap 5:5, 6, NVI).

O rei Davi, como poderoso guerreiro, venceu todos os inimigos do povo de Deus, Israel, no passado, e foi ele que fez as importantes e decisivas perguntas, dando também, por revelação, a resposta, identificando aqueles que *“suportarão”* o dia da ira do Cordeiro: *“quem poderá subir o monte do Senhor? Quem poderá entrar no seu Santo Lugar? Aquele que tem as mãos limpas e o coração puro, que não recorre a ídolos nem jura por deuses falsos. Ele receberá bênçãos do Senhor, e Deus, o seu Salvador lhe fará justiça”* (Sl 24:3-5, NVI).

Todos aqueles que vivendo no mundo dominado por Satanás, rejeitam a sua liderança e os falsos deuses por ele criados, mas

mantem sua lealdade e fidelidade ao Deus eterno, receberão o Seu selo identificador e “*suportarão*” o poder destruidor da ira do Cordeiro, porque a glória que apavora e destrói os ímpios, manifestada pelo poderoso vencedor, o Leão da tribo de Judá, raiz de Davi, alegre e transforma os justos, selados, manifestada pelo sangue do Cordeiro que foi morto.

Jesus revelando Seus planos ao profeta João

A partir do capítulo 4, uma questão fundamental para entender o relato das visões do profeta é a compreensão do uso da palavra chave para descrever onde via a sequência dos acontecimentos: “ouranos”, traduzida para o português, como céu.

Quarenta e sete vezes o profeta usa a palavra, sendo apenas uma vez no plural, em Apocalipse 12:12. Esta palavra, no singular identifica o céu atmosférico. No plural, identifica o céu sideral e o céu cósmico, o Universo infinito. Também no plural, como metáfora designa o Universo como o “*Reino dos Céus*”, regido pelo Deus eterno.

No seu sermão profético, para descrever a queda das estrelas vista no “céu” (Mt 24:29), é importante observar que Jesus usa a palavra “ouranos”, no singular, que a NAA traduz como “*firmamento*”, isto é: o céu atmosférico. Na sequência usa o plural, que a NAA traduz como “*os poderes dos céus serão abalados*”, dizendo que o fenômeno visto no céu atmosférico, realmente aconteceu no céu sideral.

A mesma palavra Jesus usa ao declarar: “*passará o céu (ouranos) e a terra, porém as minhas palavras não passarão*” (Mt 24:35, NAA). O céu atmosférico vai desaparecer, para ser feito novo

junto com a restauração da Terra, harmonizando com o profeta João em Apocalipse 21:1, onde usa o mesmo termo grego.

Entretanto, Jesus usa a palavra “ouranon”, “*céus*”, no plural, como uma metáfora para significar o domínio de Deus: “*o Reino dos Céus (ouranon) é [...]*” (Mt 13:24, 31, 33, 44, 45, 47). Usando a palavra no plural, Jesus está declarando que todo o Universo criado por Deus, por meio dEle, Jesus (Jo 1:3), compõe o “*Reino dos Céus*”, e Deus sobre tudo domina e administra.

O apóstolo Paulo transmite uma ideia muito importante no relato de suas visões. Em Segundo Coríntios 12:2, declara que “*foi arrebatado até o terceiro céu (ouranos)*”, e no verso 4, diz: “*fui arrebatado ao paraíso (paradeison)*” (NAA). O apóstolo Paulo dá a entender que o Paraíso, local da morada de Deus, do Seu trono e dos seres celestes, se encontra dentro do céu cósmico, o Universo infinito, “*o terceiro céu*”. Mas o “*Reino dos Céus*” abrange todo o Universo, os três céus referidos por Paulo.

Para o ladrão arrependido Jesus prometeu: “*você estará comigo no paraíso (paradeiso)*” (Lc 23:43, NAA), isto é, no centro do “*Reino dos Céus*”.

Para os vencedores da Igreja do período de Éfeso, Jesus assegura: “*ao vencedor, darei o direito de se alimentar da árvore da vida, que se encontra no paraíso (paradeiso) de Deus*” (Ap 2:7, NAA).

A promessa de Jesus e outras referências da Escritura Sagrada comunicam a ideia de que o paraíso é um local específico dentro do infinito Reino dos Céus.

Nos relatos do profeta João, usando a palavra “ouranos” no singular, ela precisa ser entendida designando o céu atmosférico como sendo uma grande tela onde as visões são projetadas por Deus com cenas em movimento que o profeta acompanha como um filme.

Ilustrando: estamos na sala de nossa casa acompanhando cenas que acontecem nas savanas africanas. Estamos em nossa casa, confortavelmente sentados em uma poltrona, mas vendo o que acontece a milhares de quilômetros.

Se para entender as visões do profeta João é importante a compreensão da palavra “ouranos”, céu, igualmente importante é observar com atenção o contexto do relato explicando onde realmente os acontecimentos se desenvolvem que o profeta acompanha projetados na tela do céu atmosférico sobre a erma ilha de Patmos.

Vejamos relatos do profeta: em Apocalipse 4:1, onde pela primeira vez usa a palavra “ouranos”, o faz no singular como em mais quarenta e cinco vezes ao longo do livro.

Neste verso a palavra aparece no dativo singular: “ourano”. O profeta declara: *“diante de mim estava uma porta aberta no céu “ourano”*. No verso 2, vê um trono armado no céu, “ourano”, mas a realidade que descreve a partir do verso 3, está muito além do céu, “ouranos”, atmosférico. Na visão projetada na tela do céu atmosférico, Deus está mostrando cenas que estão acontecendo no Paraíso, o centro do *“Reino dos Céus”*.

No capítulo 6:13, para descrever a queda das estrelas, usa a mesma palavra “ouranos”, que Jesus usa em Mateus 24:29, isto é, a

visão é vista na tela do céu atmosférico, mas a realidade da queda acontece no céu sideral.

No verso 14, é o próprio céu atmosférico, “ouranos”, o primeiro céu, que se recolhe como um pergaminho.

As visões de Apocalipse 12

Em Apocalipse 12, o profeta acompanha três visões: *“apareceu no céu um sinal extraordinário: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça. Ela estava grávida e gritava de dor, pois estava para dar à luz. Então apareceu no céu outro sinal: um enorme dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, tendo sobre as cabeças sete coroas. Sua cauda arrastou um terço das estrelas do céu, lançando-as na terra. O dragão colocou-se diante da mulher que estava para dar à luz, para devorar o seu filho no momento em que nascesse. [...] Houve então uma guerra nos céus. Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão, e o dragão e os seus anjos revidaram”* (Ap 12:3, 4, 7, NVI).

Em primeiro lance, descreve dois sinais, ou visões, que aparecem no céu “ouranos”, atmosférico: vê uma mulher gloriosamente ornamentada do sol e que está grávida, já com fortes sinais de que dará à luz uma criança. Aparece então, também no céu “ouranos”, um grande dragão vermelho com características de poderoso e ambicioso usurpador, que, em atitude hostil parou diante da mulher para devorar o seu filho assim que nascesse, porque Ele viria para governar todas as nações (Ap 12:5), destruindo o poder do dragão e o seu domínio.

Entretanto, a mulher recebeu asas (Ap 12:14), e fugiu para o deserto onde é sustentada durante mil duzentos e sessenta dias (Ap

12:6). Essas visões são vistas pelo profeta na tela do céu atmosférico, na ilha de Patmos, mas em verdade são acontecimentos que se desenvolveram e se desenvolvem na Terra, como descreve nos versos 13 a 18.

Mulher, no simbolismo das Escrituras Sagradas tipifica igrejas. A mulher pura tipifica a igreja que reconhece a Deus como o seu esposo e na conduta é submissa à Sua liderança; pratica e ensina os ensinamentos das Suas orientações.

A mulher prostituta, símbolo que aparece no capítulo 17, tipifica a igreja, ou igrejas, que rejeitam os princípios de conduta estabelecidos por Deus e, misturam os conceitos por Ele estabelecidos com a criação de conceitos e ensinamentos próprios.

O segundo símbolo, o dragão vermelho que também apareceu no céu atmosférico, tinha sete cabeças e dez chifres. As cabeças estavam coroadas e os chifres não.

Na sequência vê outra visão no céu, “ouranos”, de uma guerra de conceitos espirituais nos Céus, no centro do “Reino de *Deus*”, provocada pelo dragão vermelho, contra Miguel, por quem é expulso e lançado para a Terra (Ap 12:7-9). O profeta identifica o dragão vermelho com “a *antiga serpente*”, símbolo que Deus usa em Gênesis 3:15, para identificar Satanás. O profeta João, em acréscimo declara que o dragão vermelho, a “*antiga serpente*”, também é “*chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo*” (Ap 12:9, NVI).

O dragão e seus anjos foram expulsos dos Céus e lançados à Terra. Percebe-se uma clara inversão no relato. Primeiro, o profeta descreve acontecimentos que ocorrem na Terra, para então

descrever o que já havia acontecido nos Céus, quando tempo não havia, para justificar os acontecimentos na Terra sob a temporalidade do pecado. Esta maneira de relatar os acontecimentos vistos nas visões, ocorre algumas vezes nos escritos dos profetas.

A guerra de conceitos espirituais, que o profeta vê na tela do céu atmosférico, “ouranos”, na realidade aconteceu em distante passado dos dias do profeta, no centro do “*Reino dos Céus*”, onde está o trono de Deus, conforme descrito nos versos 10 a 12.

O profeta descreve a derrota e a expulsão do dragão, Satanás e seus anjos, do centro do “*Reino dos Céus*”, e sendo “*atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos*” (Ap 12:9, NAA), em confinamento no minúsculo planeta, ainda em estado de caos, dentro do “*Reino dos Céus*”, porque não existe local fora deste Reino.

Nesta cena vista pelo profeta, são feitos uma proclamação e um lamento assim descritos: “*por isso, alegrem-se, ó céus, e vocês que neles habitam! Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vocês, cheio de fúria, sabendo que pouco tempo lhe resta*” (Ap 12:12, NAA). A celebração é proclamada porque Satanás foi expulso “*dos Céus*”, o Paraíso, e o lamento acontece, porque continua a sua guerra contra Cristo, na Terra. Esta é a única vez em que o profeta usa a palavra “ouranos” no plural, “ouranoi” designando o Universo como o “*Reino dos Céus*”.

A identificação do dragão vermelho com Satanás, é um detalhe muito importante nessa visão, que auxilia fortemente na compreensão das visões que o profeta revela na sequência do seu relato.

Este detalhe abre para a compreensão dos dois personagens centrais envolvidos no grande conflito cósmico espiritual: Miguel, Cristo, e o dragão, Satanás, e esclarece o princípio do simbolismo e o significado do símbolo usado como fundamento, um dragão, relacionado com suas cabeças e chifres, coroados ou não, outro símbolo complementar.

O profeta Ezequiel assim descreve a expulsão de Lúcifer, Satanás, de junto do trono de Deus para o planeta Terra: *“você estava no Éden, no jardim de Deus; [...] você estava no monte santo de Deus, [...] por isso eu o atirei à terra”* (Ez 28:13, 14, 17, NVI).

Na erma ilha de Patmos, sentado em um rochedo, o profeta acompanhava as projeções de Deus na tela do céu atmosférico, revelando acontecimentos do plano da redenção que ocorrem na Terra, no céu atmosférico, no céu sideral e no Céu cósmico, onde, no Paraíso se encontra o trono de Deus e de onde governa todo o Universo.